

Os mais vulneráveis entre nós

Eva Paulino Bueno

Quem não se comove com a visão de um filhotinho, correndo e fazendo coisas engraçadinhas? Quem resiste a um cachorrinho rolando pelo assoalho ou um gatinho brincando com uma bola de lã? Poucas pessoas podem dizer que não gostam de animal nenhum e que não se divertem vendo os pequeninos brincando juntos. E se diz, cuidado com esta pessoa: seguramente ele/a tem alguma coisa fundamentalmente errada.

Mas o problema é que estes filhotinhos adoráveis crescem. E reproduzem. E reproduzem. E terminamos com uma explosão populacional. Os animais que fazem parte da cadeia alimentar não constituem problema, já que são abatidos e comidos. Mas, se estamos falando de animais que vivem em contato conosco, mas que não são comidos, vemos que foram domesticados e não sabem defender-se, ou, quando abandonados, somente conseguem defender-se formando grupos — equivalentes a gangues nas cidades — e acabam tornando-se um problema para a sociedade humana. São um perigo público. Qualquer pessoa que já foi perseguida ou atacada por cães de rua, ou qualquer um que já foi arranhado por um gato desconhecido, sabe do que estamos falando. Mas a culpa é dos animais?

Vamos tomar o exemplo dos cachorros. Basta que duas famílias irresponsáveis abandonem um cão e uma cadela nas ruas, para que eles se multipliquem em pouco tempo, se deixados aos seus próprios recursos. Logo, estarão correndo pelas ruas, revirando latas de lixo, atacando outros cães, afugentando crianças e adultos, sujando o espaço público. Isto, sem contar os problemas ainda mais sérios quando um destes cachorros fica hidrófobo, e acaba contaminando os demais. É um perigo para a saúde pública e não podem ser menosprezados. A solução, na maioria das cidades — no Brasil e em muitos outros países do mundo — é caçar estes cachorros, levá-los para um lugar em que serão mortos, às vezes de maneiras incrivelmente cruéis.

Eu me lembro de uma imagem muito triste em uma cidade costeira do sul do Brasil, há alguns anos, quando visitei no mês de julho: as ruas desertas de gente estavam literalmente tomadas por cachorros. Eram dálmatas, pastores, poodles, vira-latas. Todos correndo juntos, brigando por migalhas. Se podia ver que alguns deles tinham sido cachorros de luxo, mas agora tinham feridas horríveis. Todos estavam magros, imundos, esfomeados. Dava pena ver. Uma amiga minha, que mora naquela cidade, disse que todas as férias de verão, muitas famílias que alugam casa na praia trazem seus cachorros e quando voltam pras suas casas os abandonam na cidade. O problema fica sendo dos outros, enquanto os covardes donos, depois de terem desfrutado do prazer da companhia dos filhotinhos, os enxotam de suas vidas e os esquecem.

Outro grupo é o dos gatos abandonados. Embora eles não tenham a tendência de formar os mesmos bandos que os cachorros, eles também acabam se multiplicando em progressão geométrica, e causando vários problemas. A solução, também para eles, tem sido cruel, indiscriminada, bárbara: a morte paga com o dinheiro do contribuinte, porque as cidades não sabem mais o que fazer com os felinos, senão destruí-los.

Como resolver estes problemas? Primeiro, temos que reconhecer que estes animais que domesticamos, e que trouxemos para dentro da sociedade humana, são nossa responsabilidade. Os gatos, logicamente sabem caçar ratos e pássaros, e poderiam sobreviver por sua própria conta por maior tempo. Mas eles são animais cuja natureza foi modificada para que eles pudessem ser companheiros dos seres humanos, e suas doenças podem afetar os

outros gatos e as pessoas. Os cães estão ainda em pior situação, porque o instinto da caça foi quase que completamente tirado deles através do cruzamento seletivo, que visa principalmente realçar certas características estéticas. O que um chihuahua ou um schnauzer poderiam caçar?

Logicamente, existem outros animais domesticados, mas dentro todos eles, os cães e os gatos são as maiores vítimas, e sofrem a maior parte das conseqüências das ações dos seres humanos. Repito: temos uma obrigação para com estes animais, e não devemos simplesmente abandoná-los à própria sorte, ou exterminá-los como temos feito. Eles têm uma posição dentro da comunidade, e necessitamos desenvolver soluções a aplicá-las com responsabilidade.

Alguns exemplos positivos

Às vezes acontece que algumas soluções são resultado de um esforço deliberado de um grupo. Outras vezes, as soluções se desenvolvem organicamente, a partir de uma necessidade percebida e da atuação de várias pessoas. O grupo que eu melhor conheço que cuida de animais abandonados se desenvolveu da segunda forma. Minha universidade, assim como muitíssimas (senão todas) as instituições universitárias daqui dos Estados Unidos, atraía “colônias” de gatos abandonados. O campus fica dentro de uma área parcialmente residencial relativamente pobre. Alguns animais fugiam de seus donos e vinham para o *campus*, onde a presença de comida atraía ratos e outros pequenos roedores, e a existência de um sistema automático de irrigação dos jardins garantiam água e comida em abundância. Apesar de eles terem tomado conta da questão dos ratos, a presença de tantos gatos sem dono ficou sendo considerada um problema, e a universidade tinha a política de apanhar os gatos em arapucas e levá-los ao centro municipal onde os que não eram adotados, mas eliminados.

Os estudantes começaram a soltar os gatos que eram pegos nas arapucas. Alguns escondiam os gatos em seus dormitórios. Outros alimentavam os gatos do *campus*. Outros destruíam as arapucas para impedir que fossem usadas para pegar os animais. Por fim, em 2003, um grupo de funcionários da universidade tomou a decisão de escrever um projeto para a fundação Summerlee e pedir fundos para começar um programa para cuidar da situação. Assim começou o programa que se chama “For Paws”, e que se baseia nos princípios de que a melhor maneira de controlar a população de gatos selvagens é controlando a população: TNR (Trap-Neuter/Spay-Release—Apreensão-Castração/Retirada dos ovários-Liberação).

Este programa não foi invenção deste grupo de 3 ou 4 pessoas de minha universidade. Ele é conhecido em vários pontos do país, e defendido por gente que vê a situação dos animais como algo que tem que ser tratado com compaixão e conhecimento. O programa consiste na apreensão dos animais, a castração dos machos, e a retirada dos ovários das fêmeas, tratamento de possíveis doenças, a vacinação contra a raiva, e a sua libertação. Estudos foram feitos e indicam que ao evitar-se que continuem se reproduzindo, os próprios animais se encarregam de manter seus números de maneira constante, estabelecendo-se entre eles um sistema social sustentável.

Desde 2003, quando os voluntários de For Paws começaram a trabalhar em St. Mary’s, dos gatos recolhidos, todos passaram por exames com um grupo de veterinários que ou doa seu tempo grátis, ou trabalha por uma fração do preço. Todos, machos e fêmeas, foram castrados, vacinados, e obtiveram um micro-chip que indica de onde são. Deste grupo aprendido, 37 foram retornados ao campus, enquanto que outros 43 gatos foram adotados por gente da comunidade. 13 gatos que estavam doentes e sem possibilidade de cura foram eliminados de maneira compassiva, para evitar maior sofrimento e a contaminação de outros, e 2 gatos

morreram de causas naturais. A historiadora de For Paws, Nettie Lucio, diz que pelo menos 20 novos gatos passam pelo programa todos os anos. Além do trabalho com os gatos, o grupo de For Paws também trabalha com campanhas para a adoção de cães.

Logicamente, embora as pessoas que trabalham sejam todas voluntárias, todo este trabalho custa dinheiro. Os fundos dados pela fundação Summerlee serviram para o estabelecimento inicial do programa: a compra das arapucas especiais, a construção dos abrigos em vários pontos do campus, a compra de comida e remédios, assim como o pagamento dos tratamentos veterinários. Para manter o programa, logo de início o grupo de pessoas do *campus* — que inclui secretárias, professores, alunos, e bibliotecárias — começou a fazer campanhas para levantar fundos. Todos os anos, se faz a venda de camisetas, bolsas e outros pequenos objetos que levam o símbolo do For Paws (com o desenho feito pelo artista Brother Cletus), e se aceitam doações de comida, dinheiro, e tempo.

Logicamente que este grupo não resolveu todos os problemas de todos os gatos nem da cidade, muito menos do estado do Texas. Mas, como uma das participantes mais ativas do grupo, Caroline Byrd, disse outro dia, “como ninguém pode resolver todos os problemas, nosso grupo quer ter certeza de que pelo menos **estes gatos, nesta instituição**, serão tratados com cuidado, e vão viver uma vida livres de perseguições e morte desnecessárias.”

De fato. Se cada um de nós fizer um pouco, o problema deixa de existir, ou se torna mais fácil de resolver. Existe logo de cara a questão de uma política humanitária por parte das cidades, que deveriam adotar um sistema similar ao TNR. Mas a verdadeira solução começa a nível do indivíduo: Se aqueles donos de cães que vão passar as férias na praia e “esquecem” seus animais deixarem de fazer isto, se as pessoas fizerem um esforço para não maltratar os animais que encontram pelas ruas, já é um começo. Mas basicamente toda pessoa que pensa em ter um cachorro ou um gato deve pensar de maneira responsável, antes mesmo de adquirir o animal: ela/e tem espaço e tempo para acomodar o animal? Tem dinheiro para arcar com as vacinas, alimentação, cuidados veterinários? Tem paciência para passar pelos meses de treinamento?

Adotar dálmatas, ou beagles (por exemplo) só porque estão na moda, e depois jogá-los fora como roupas usadas é um ato criminoso. Tentar destruir bandos de cães abandonados nas ruas é um ato vergonhoso. Aliás, a sociedade que olha para outro lado quando vê animais sendo maltratados é a mesma que encontra desculpas para explicar o assassinato de crianças abandonadas nas ruas.